



DENOMINAÇÕES NO FALAR NORTISTA PARA A ESTRELA CADENTE: DADOS DO PROJETO ALiB

Ana Rita Carvalho de Souza

Universidade Federal da Bahia/CAPES

Marcela Moura Torres Paim

Universidade Federal da Bahia

Silvana Soares Costa Ribeiro

Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados da investigação que se centraliza no estudo do léxico, na descrição da variação diatópica e na identificação de subáreas dialetais brasileiras, partindo da observância de dados do corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) para a risco de luz que corta o céu, comumente conhecido como estrela cadente. Os dados analisados foram coletados por meio de inquéritos linguísticos realizados com 48 informantes de seis capitais da Região Norte brasileira (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho), com o seguinte perfil: homens e mulheres, da faixa I (18-30 anos) e faixa II (50-65 anos), de nível fundamental e universitário, com o intuito de verificar o uso e documentar a diversidade lexical do português falado nessa região, seguindo os princípios da Geolinguística Pluridimensional, cujo registro segue os parâmetros geográficos e sociais. Dessa forma, a análise do fenômeno linguístico em estudo considerou, ao lado da perspectiva diatópica, características sociais do falante, como o sexo, a faixa etária e a escolaridade. Foi dado enfoque à questão 031 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB, assim formulada: “de noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 23). Foram avaliadas respostas como ‘estrela cadente’, ‘meteoro’ e ‘cometa’, em que contexto ocorrem,

a frequência de uso e se sua distribuição no espaço indica a existência de subfalares na região.

Palavras-chave: Dialeto; Léxico; Variação espacial; Região Norte.

ABSTRACT

This paper presents the results of the research that focuses on the study of lexicon, the description of diatopic variation and the identification of Brazilian dialectal subareas, based on data from the corpus of the Brazilian Linguistic Atlas Project (ALiB) for the risk of light that cut the sky, commonly known as a shooting star. The data analyzed were collected by means of linguistic surveys carried out with 48 informants from six Brazilian cities (Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco and Porto Velho), with the following profile: men and women of the age group I (18-30 years old) and age group II (50-65 years), at the Middle School and Undergraduate level, in order to verify the use and document the lexical diversity of the Portuguese spoken in this region, following the principles of Multidimensional Geolinguistics in which the register follows the geographical and social parameters. Thus, the analysis of the linguistic phenomenon under study considered, along with the spatial perspective, social characteristics of the speaker, such as gender, age group and schooling. It was given a focus on question 031 of the ALiB Semantic-Lexical Questionnaire (QSL), formulated as follows: "At



night, one can often observe a star that moves in the sky thus (mime) and makes a risk of light. How do you call it?" (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 23). Responses like 'shooting star', 'meteor' and 'comet', in what context they occur, the frequency of use and if their distribution in the space indicates the existence of dialects in the region.

Keywords: Dialectology; Lexicon; Spatial variation; North region.

Ana Rita Carvalho de Souza é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA.

E-mail: anaritacarvalhodesouza@hotmail.com

Marcela Moura Torres Paim é professora associada II de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: marcelamtpaim@yahoo.com.br

Silvana Soares Costa Ribeiro é professora associada III da Universidade Federal da Bahia e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC.

E-mail: silvanaribeiro25@gmail.com

INTRODUÇÃO

Descrever a variedade de usos do léxico de um povo é uma tarefa que se faz contínua e necessária devido à nossa condição humana de mudar e de nos adaptar às diversas situações e contextos de vida. As línguas acompanham essa condição de mudar e refletem, de fato, a realidade vivida por determinada comunidade. No Brasil, há inúmeros exemplos da diversidade cultural que constitui o nosso povo e que, somados à nossa extensão territorial, favorecem também uma variedade de usos linguísticos que nos identificam como pertencentes desta ou daquela cultura, deste ou

daquele grupo, desta ou daquela região. O léxico pode refletir essas características, pois elas são marcas da identidade cultural das comunidades e, também, pode ser assinalado como:

Uma entidade dinâmica que vai sendo enriquecida com palavras ou expressões a depender das necessidades da comunidade usuária da língua. Pode se valer de expressões ou palavras já existentes na língua e ressignificadas, de arcaísmos, de neologismos ou de empréstimos linguísticos para sua ampliação (RIBEIRO, 2012, p. 96).

Dessa forma, o Projeto ALiB carrega essa premissa básica que é descrever o Português do Brasil, doravante PB, além de registrar seus usos e fomentar o conhecimento no tocante à formação do povo brasileiro, sua cultura, seus ritos e suas crenças, visto que:

O léxico de uma língua é um instrumento de produção cultural e, ao mesmo tempo, seu reflexo, afinal ele constitui um espaço privilegiado do processo de produção, acumulação, reiteração, transformação dos sistemas de valores, visão de mundo, ideologia e práticas sociais e culturais de um grupo humano (PAIM, 2015, p. 246).

Situado no âmbito dos estudos lexicais, realizados com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), este trabalho busca evidenciar as escolhas lexicais feitas pelos falantes entrevistados nas capitais da Região Norte do país quando questionados sobre como se chama "o risco de luz que corta o céu". Cardoso (2010, p. 169) afirma que o Projeto ALiB tem como principal objetivo identificar as diferenças diatópicas do Português Brasileiro (PB), mas não somente isso, uma vez que ele está fundamentado nos princípios da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, que considera em suas análises, além do espaço, os fatores sociais, como sexo, idade e escolaridade, outrossim focando no estudo da língua em seus aspectos



sociais. E é graças a esse empreendimento de amplitude nacional com dois volumes, volume 1¹ – Introdução – e volume 2² – Cartas linguísticas, que é possível descrever fenômenos linguísticos do nosso português baseado em pesquisas feitas *in loco* por uma equipe de dialetólogos de várias universidades do país, que se dispuseram a desenvolvê-los diante de tantas adversidades.

Por se tratar de uma análise de cunho dialetal, este trabalho segue a divisão alvitrada por Nascentes (1953), que definiu os falares brasileiros, a partir de dados fonético-fonológicos, em dois grandes grupos de falares:

os Falares do Norte e os Falares do Sul, além de subdividir estes dois grandes grupos em subgrupos de falares: o Falar Amazônico, o Falar Nordestino, o Falar Baiano, o Falar Mineiro, o Falar Fluminense e o Falar Sulista. A Região Norte do Brasil recobre o que Nascentes (1953) chamou de Falar Amazônico, mas não totalmente. O estado de Rondônia, por exemplo, está localizado no Território Incaracterístico, que aqui chamaremos de Território Multivarietal (CUBA, 2015), assim como o Tocantins está numa zona de divisão entre o Falar Amazônico, Nordestino, Baiano e o Multivarietal. Todos os demais estados compõem a área do Falar Amazônico, como mostra a figura que segue:

Figura 1 – Divisão dialetal proposta por Nascentes



Fonte: BARBADINHO NETO, 2003, p. 700.

O legado deixado por Nascentes (1953) é de tamanha importância para os estudos dialetais, pois serve de base para confirmações de áreas dialetais, ou não, como fez Ribeiro (2012), que, a partir de dados lexicais do ALiB, revisitou o Falar Baiano e confirmou a existência de subfalares dentro da área do Falar Baiano, além de corroborar o comportamento

diferenciado deste falar em comparação com as outras áreas brasileiras. Os dados do Projeto ALiB, quando utilizados com o intuito de confirmar a vitalidade desta proposta de divisão, confirmam, por quem já o fez, que Nascentes (1953) foi bastante objetivo quanto a essa categorização. Isso pode ser observado no trabalho feito por Portilho (2013) com o Falar

¹ CARDOSO, Suzana A. M. da S. C.; et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1.

² CARDOSO, Suzana A. M. da S. C.; et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, 2014b. v. 2.



Amazônico e por Santos (2018) com o Falar Nordeste, com dados do Projeto ALiB. Pode também ser visto no trabalho realizado por Cuba (2015) com o Território Incaracterístico. Dessa forma, é a partir dessa divisão que buscaremos nos dados observados verificar se o Falar Amazônico, presente na maior parte da extensão territorial da Região Norte brasileira, demonstra essa homogeneidade linguística ou se há indícios de subfalares dentro dessa área.

Este trabalho é uma parte mínima de todas as infinitas possibilidades de análise que o Atlas Linguístico do Brasil pode oferecer a pesquisadores que se interessam por esses estudos, bem como de conhecer mais profundamente o nosso povo e a nossa história. Esse trabalho também é uma homenagem à saudosa professora e eterna diretora-presidente do Projeto ALiB, Suzana Alice Marcelino Cardoso (em memória), pelo amor e pela afeição que foram dedicados a esse empreendimento que hoje é parte da vida e da formação de outros inúmeros dialetólogos em concepção.

Como parte de uma pesquisa desenvolvida a partir de dados do ALiB, este trabalho seguiu alguns critérios, entre eles a escolha da região analisada, que não foram aleatórios. O material aqui observado foi coletado por meio de pesquisa de iniciação científica (CNPq, 2016-2017), vinculado ao Projeto VALEXTRA³, convênio CAPES-COFECUB 838/15, sob a orientação da professora doutora Marcela Paim, com o objetivo de catalogar as unidades fraseológicas (UF's) presentes no *corpus* do ALiB nas capitais da Região Norte do Brasil. Nesse contexto, as UF's foram caracterizadas como unidades polilêxicas, ou seja, formadas por duas ou mais palavras, relativamente estáveis, com certo grau de idiomatidade, constituindo a competência discursiva dos falantes e que são usadas em contextos

precisos com objetivos específicos. No entanto, parte dos dados não foi utilizada nos relatórios de pesquisa desenvolvidos, por não se encaixarem na descrição solicitada no plano de trabalho, como por exemplo: *cometa*, *meteoro* e *meteorito*. Dessa forma, aproveitamos para reanalisar o mesmo material coletado, observando-o por outro viés, que é o de ressaltar se há variedade de usos quanto ao léxico apresentado, se é possível traçar isolêxicas que mostrem se temos subfalares nessa região e, por fim, dialogar com outras áreas do conhecimento, tudo isso com o propósito maior de evidenciar as escolhas lexicais feitas pelos falantes para um referente específico, a *estrela cadente*, nas capitais da referida região.

Sendo assim, este estudo exibirá a descrição do trabalho realizado seguido da exposição dos resultados encontrados para, a partir deles, serem feitas algumas considerações e observações aplicáveis aos estudos de cunho dialetal, geolinguísticos e lexicais.

1 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho segue os princípios da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, que se fundamenta no tripé básico formado pela rede de pontos, os informantes e o questionário, que juntos estabelecem diferentes perspectivas para o material coletado, como afirma Cardoso (2010, p. 89). Considera também em suas análises, além do espaço (diatopia), os fatores sociais, como sexo, idade e escolaridade. Apesar de o Projeto ALiB utilizar em sua metodologia a estratificação mencionada, neste trabalho, optamos por descrever e analisar somente a variação observada no espaço geográfico. O recorte feito para este estudo perfaz um total de seis pontos do Projeto ALiB,

³ Variação lexical: teorias, recursos e aplicações do condicionamento lexical às construções pragmáticas.



que conta com a contribuição de 48 informantes. Essas localidades são as capitais da Região Norte, excluindo-se desse levantamento a capital Palmas, pois o Projeto ALiB entende que ela não tem tempo de fundação suficiente para ter consolidação histórica e pais dos informantes de faixa 2 nascidos no local, dois dos requisitos para se realizar pesquisa no lugar.

Em cada localidade, foram entrevistados 8 informantes estratificados em:

- ✓ Seis cidades: Belém - PA, Boa Vista - RR, Macapá - AP, Manaus - AM, Porto Velho - RO e Rio Branco - AC, viabilizando a análise diatópica;

- ✓ Duas faixas etárias: a Faixa 1, de 18 a 30 anos e a Faixa 2, de 50 a 65 anos, possibilitando a análise diageracional;
- ✓ Sexo: masculino e feminino, permitindo a análise diasssexual;
- ✓ Dois níveis de escolaridade: fundamental e universitário, possibilitando a análise diastrática.

Os 48 informantes desse estudo estão estratificados conforme o perfil do ALiB, demonstrado no quadro e, baseado em sua leitura, podemos observar que esta seleção nos fornece dados de forma equitativa para estudos pluridimensionais.

Quadro 1 – Perfil dos informantes

Nº Informante	Nível de escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Universitário	I (18-30 anos)	Masculino
06	Universitário	I (18-30 anos)	Feminino
07	Universitário	II (50-65 anos)	Masculino
08	Universitário	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Banco de dados do ALiB

É importante destacar que, no interior dos estados brasileiros, o Projeto ALiB inquiriu somente quatro informantes de nível fundamental, diferenciando-se das capitais apenas na escolaridade, o que não desprestigia o material coletado. Isso ocorreu, pois quando os pesquisadores foram a campo, o acesso à universidade ainda era um sonho para a maioria

das pessoas nas cidades do interior, tornando-se muito difícil e até impossível recolher amostras com informantes de nível universitário em algumas localidades do país.

O levantamento de dados (nível lexical) foi feito na sessão “Astros e Tempo” do Questionário Semântico-Lexical, com as questões de 22 a 38. Esse trabalho, entretanto,



está centrado apenas na questão 31, que está assim formulada: “de noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como chamam isso?” (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 23). Foi encontrado um total de 54 dados distribuídos entre 45 respostas válidas e 9 não respostas.

A partir das 45 respostas consideradas válidas, a metodologia utilizada para o tratamento dos dados foi a observância dessas respostas com relação ao sema procurado, a pesquisa delas em quatro obras lexicográficas e, por fim, sua disposição em planilha do Microsoft Excel para a visualização e contabilização dos dados no espaço para, a partir disso, criar isoléxicas, caso fosse possível e, finalmente, a carta resumo com estes dados.

2 ANÁLISE DOS DADOS

É válido dizer que, dos 48 informantes inquiridos, alguns não souberam ou não se lembraram da resposta para a questão, o que configuramos como não respostas, e aquelas que foram consideradas válidas estão distribuídas da seguinte forma:

Quadro 2 – Lexias encontradas por localidade

LEXIAS	LOCALIDADES
<i>Estrela Cadente</i>	Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho
<i>Cometa</i>	Boa Vista, Manaus, Belém e Rio Branco
<i>Meteoro</i>	Boa Vista, Manaus e Porto Velho
<i>Estrela d’Alva</i>	Manaus
<i>Estrela Guia</i>	Belém
<i>Meteorito</i>	Boa Vista
<i>Raio de Luz</i>	Boa Vista

Fonte: Banco de dados do ALiB

É importante ressaltar que, em muitos casos, os informantes parecem atribuir à referida pergunta uma resposta que não seria uma das variantes pertinentes para o conteúdo e o referente em questão. Por isso, apresentamos exemplos de inquéritos para que se possa observar em que conjuntura algumas dessas respostas ocorrem. Nos exemplos apresentados, temos respostas que foram validadas considerando o uso e o contexto em que cada resposta foi dada:

Ex. 1:

INQ.- De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer...

INF.- A *estrela cadente*, né?

INQ.- De manhã cedo?

INF.- Parece que tem a estrela d’alva, que ela chama né.

INQ.- Isso. Como que é estrela cadente que você falou?

INF.- Não eu me confundi a estrela d’alva (rindo).

INQ.- É? Como que é a estrela cadente?

INF.- Sei, sei nem...se vi alguma *estrela cadente*...

INQ.- Al...Alguma vez você viu estrela cadente?

INF.- (...) *Estrela cadente* é aquela que faz chiiii (Imita o barulho da estrela caindo).

(*Macapá, mulher, faixa 1, nível fundamental*).

No exemplo 1, a resposta foi dada em outra questão e o inquiridor aproveita para confirmar se o que a informante compreende por *estrela cadente* é o mesmo que a questão 031 procura saber.



Ex. 2:

INQ.- (...) De noite, muitas vezes, a gente pode ver lá no céu uma estrela que se desloca assim... né, e faz até um risco de luz. Sabe o nome disso?

INF.- Bom, eu conheço como *meteorito*. Eles são... pequenos *meteoros* que caem na terra... e passa... eu conheço como *meteorito*, agora... outra coisa eu não conheço.

(Boa Vista, mulher, faixa 1, nível fundamental).

No exemplo 2, apesar de a informante ter nível de escolaridade fundamental, ela responde com a variante que está registrada nos dicionários e ainda faz considerações acerca do referente, levantando o questionamento sobre o papel da televisão e dos meios de comunicação como propagadores de conhecimentos e não somente a escola.

Ex. 3:

INQ.- E de noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que faz assim no céu...

INF.- Ah, a aquilo é um *cometa*, um *meteoro*, aqui as pessoas chamam... É... Eles dão nome é... Como é? Eles dão um nome, é o... Como é rapaz?

(Manaus, homem, faixa 2, nível universitário).

No exemplo 3, o informante interrompe a fala do inquiridor para dizer sua resposta e, mesmo não sendo o sema procurado, *cometa* foi validado pelo contexto em que foi dito e por ter sido utilizado por este informante e mais outros cinco. Silva Jr. (2019) afirma que, dependendo de sua posição no espaço, os corpos celestes recebem nomes diferentes. Cientificamente falando, se estiverem vagando no espaço fora de nossa atmosfera, eles serão chamados de meteoroides, mas se entrarem na

atmosfera terrestre e se incendiarem por causa do contato com o ar atmosférico, eles serão denominados de meteoros. Contudo, popularmente falando e, considerando a sabedoria popular, sabe-se que “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a mesma coisa” (LABOV, 2008, p. 221). Daí chamar meteoro de estrela cadente, cometa, meteorito, entre outros, por não conhecer a ‘ciência’ que há por trás do fenômeno.

Ex. 4:

INQ.- E aquela que de noite às vezes... uma que se desloca no céu assim...

INF.- Ah é, a *estrela-d’alva* né, que chama né? Num é uma que corre? E tem um rabão assim e sai correndo?

INQ.- Isso. Como que é o nome dessa?

INF.- Estrela-d’alva que chama.

(Manaus, homem, faixa 2, nível fundamental).

No destaque de fala apresentado em Ex. 4, temos um exemplo clássico disso, quando o informante dá a resposta para a pergunta feita e explica corroborando que, no seu entendimento, o *meteoro* é o que ele conhece por *estrela d’alva*. Existem muitos dilemas sobre validar ou não validar essas respostas quando se faz a análise dos dados. Nesse caso, a resposta do informante, por si, já é suficiente para entendermos que a *estrela d’alva* tem o mesmo valor de verdade para ele quanto *cometa* ou *meteoro* tem para outros quando nos referimos a um risco de luz que corta o céu.

Ex. 5:

INF.- Estrela... Eu sabia isso, mas... *Estrela guia*.

INQ - É aquela estrela que de repente a gente vê assim se mudando de lugar, né? A



noite muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu assim, faz um risco de luz no céu, como se chama essa estrela? As pessoas até fazem um pedido.

INF.- É... Atualmente eu me esqueci agora.

(Belém, homem, faixa 2, nível fundamental).

Finalmente, no exemplo 5, temos uma amostra que deixa evidente que o informante conhece outras maneiras de nomear o referente, mas que no contexto da entrevista não foi lembrado.

Foi feita uma pesquisa em obras lexicográficas objetivando verificar se algum lexicógrafo já teria publicado alguma delas e observar como tais formas encontradas na pesquisa estão presentes nos dicionários de

língua portuguesa. As obras escolhidas para esta etapa foram: Ferreira (1975), Mourão (1987), Michaelis (1998) e Houaiss e Villar (2009). O Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica é uma obra de domínio público, publicada pelo astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão, com prefácio de Antônio Houaiss, e foi escolhido para traçar o diálogo entre as ciências do Léxico e da Astronomia. Os demais são dicionários de língua portuguesa. O Quadro 3 agrupa as sete denominações analisadas e as definições encontradas nas referidas obras lexicográficas para cada uma delas. Para a leitura do quadro temos:

N/D (não dicionarizado);

DOS (dicionarizado com outro sentido);

Quadro 3 – Dicionarização das lexias (continua na próxima página)

DICIONÁRIOS					
Nº	LEXIA	FERREIRA (1975)	MOURÃO (1987)	MICHAELIS (1998)	HOUAISS E VILLAR (2009)
1	<i>estrela cadente</i>	Meteoro	Ver meteoro.	13. (...) Meteorito que à noite deixa, por alguns instantes, um rastro luminoso, dando a impressão de um estrela que cai.	Meteoro (rastro luminoso).



		DICIONÁRIOS			
Nº	LEXIA	FERREIRA (1975)	MOURÃO (1987)	MICHAELIS (1998)	HOUAISS E VILLAR (2009)
3	<i>estrela d'alva</i>	DOS	DOS	DOS	DOS
4	<i>estrela guia</i>	N/D	N/D	N/D	DOS
5	<i>meteoro</i>	1. Fragmento de matéria do espaço interplanetário que ao penetrar na atmosfera se aquece, tornando-se luminoso. [Sin. De estrela cadente, estrela fugaz, estrela filante, meteorito, exalação, zelação].	Fenômeno luminoso que ocorre na atmosfera terrestre, proveniente do atrito de um meteoróide (q.v.), com os gases da atmosfera terrestre; estrela cadente, estrela fugaz, estrela filante (gal.), meteorito (impróprio), exalação, zelação (NE Brasil).	3. Estrela cadente; meteoro fusiforme (que tem forma de foguete).	2. Rastro luminoso presente na atmosfera terrestre quando ocorre atrito entre um meteoróide e os fazes desta atmosfera; estrela cadente.
6	<i>meteorito</i>	1. Meteoro após a queda na superfície da Terra.	Fragmento de um meteoróide que cai na superfície terrestre, depois de ter atravessado a atmosfera, produzindo o fenômeno luminoso denominado meteoro.	DOS	3. Fenômeno luminoso causado pelo atrito de um meteoróide com a atmosfera terrestre; meteoro.
7	<i>raio de luz</i>	N/D	N/D	N/D	DOS

Fonte: Elaborado pelas autoras.



Como é possível perceber, *lexias* como *cometa* e *estrela d'alva* estão dicionarizadas com outro sentido na obra de Astronomia, por se tratar de uma obra técnica e específica, porém também se observa que *estrela d'alva* ainda não foi considerada como nomenclatura possível para a *estrela cadente* por nenhum dos lexicógrafos pesquisados. Isquierdo e Carvalho (2012, p. 251) pontuam que “para que as transformações sociais e linguísticas se efetivem é necessário que haja uma aceitação coletiva pautada pela norma que, por sua vez, evidencia o fenômeno da variação nos diferentes níveis da língua”. Sendo assim, pode-se conjecturar a ideia de que o uso desta denominação pode estar passando por um processo de coocorrência em alguns contextos de fala específicos nessa região.

O contrário acontece com *estrela guia*, que não está dicionarizada em três das quatro obras estudadas e na última está dicionarizada com outro sentido. De acordo com Houaiss (2009), a *estrela guia* é a “estrela ou qualquer astro do firmamento usado como referencial para direcionamento”. Por isso, dependendo do contexto de fala em que o falante esteja inserido e, baseado em suas crenças, “o risco de luz que corta o céu” pode ser utilizado com esta intenção, apesar de que nas respostas dadas pelos informantes analisados não se observou nenhum relato ou indício de que o risco de luz seja utilizado para este fim.

Michaelis (1998) define o *meteorito* como “fragmento de rocha, metal ou metal e rocha

caídos do espaço sideral” e, ainda completa, afirmando que pode ser um “pequeno corpo que se move fora da atmosfera, nos espaços intercósmicos, mas que pode ser atraído pela Terra”. É a única definição que não faz ligação ao *meteoro* ou ao rastro luminoso no céu.

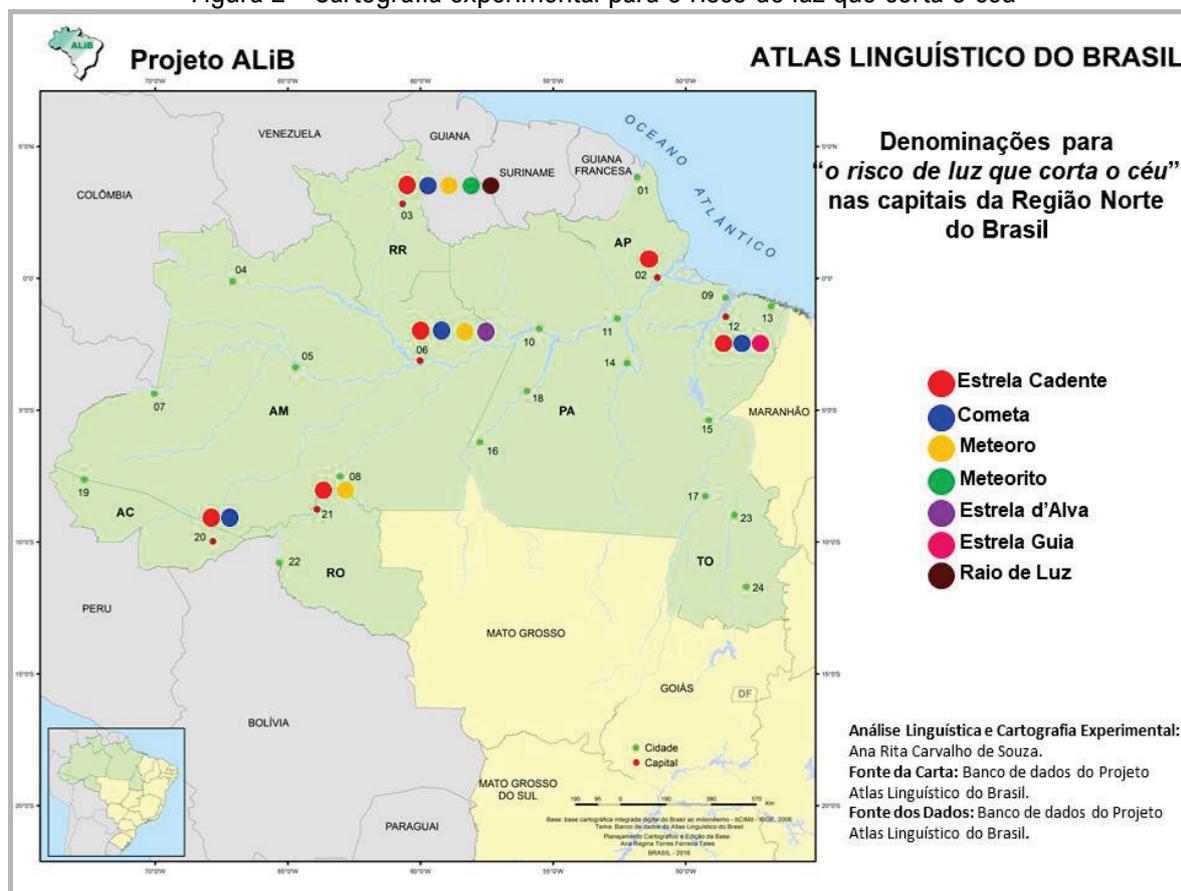
A Unidade Fraseológica *raio de luz* não está dicionarizada em três das quatro obras estudadas e em Houaiss (2009) ela está dicionarizada com outro sentido, “onda de radiação eletromagnética”, um conceito utilizado na ciência que estuda fenômenos associados à luz, a física óptica.

3 CARTOGRAFIA DOS DADOS

A partir dos exemplos dados, apresentamos a cartografia experimental feita para mostrar a distribuição espacial das palavras empregadas para expressar o mesmo conceito para a *estrela cadente*. Ribeiro (2012, p. 62) afirma que “a contribuição da Cartografia enquanto ciência se dá, basicamente, em propiciar a representação espacial dos objetos de estudo dos pesquisadores (no caso, os linguistas), aos quais compete analisar os problemas, elaborar as sínteses e construir as teorias”. Dessa forma, faz-se necessária a demonstração destes dados encontrados através do mapa linguístico, com vistas a divulgar os dados e a buscar possíveis explicações para as nomenclaturas atribuídas por esses informantes.



Figura 2 – Cartografia experimental para o risco de luz que corta o céu



Como podemos notar, a partir da leitura da carta apresentada, *estrela cadente* pode ser considerada a lexia mais produtiva tanto pela distribuição espacial, pois ocorreu em todas as capitais pesquisadas, quanto pelo número de ocorrências, pois teve 71,1% do total de respostas válidas. Essa Unidade Fraseológica é seguida pela lexia *cometa*, que na distribuição espacial aparece em quatro das seis capitais pesquisadas, apresenta um percentual de ocorrência de 13,3% das respostas válidas e, apesar de fazer alusão a outro referente, considerando a descrição da astronomia, ela foi validada. Pode-se concluir, assim, que aquilo que é visto no espaço a olho nu daqui da Terra pode ser facilmente confundido pelas pessoas, como um *raio de luz*, uma *estrela cadente* ou um *cometa*, por exemplo.

As Unidades Fraseológicas *estrela d'alva* e *estrela guia* apareceram na fala de três

informantes em dois locais distintos, o que nos leva a acreditar que mesmo não se tratando do sema procurado para a realidade linguística destes falantes, aquilo que faz um risco de luz no céu pode ser representado dessa maneira, pois é esse o conhecimento de mundo que esses informantes têm. Elas aparecem em apenas um ponto e têm 2,2% de percentual de ocorrências cada uma.

Meteorito foi considerada como resposta válida, porque baseado em dados da Astronomia, este elemento é uma parte do *meteoro*, definição confirmada pela fala da informante. Desse modo, entende-se que ela nomeou o todo pela parte. O percentual de ocorrência foi de 2,2% e foi dito apenas por uma informante com nível de escolaridade fundamental. Nesse caso, questiona-se o papel dos meios de comunicação, de forma geral e, ainda, da leitura. Onde essa informante



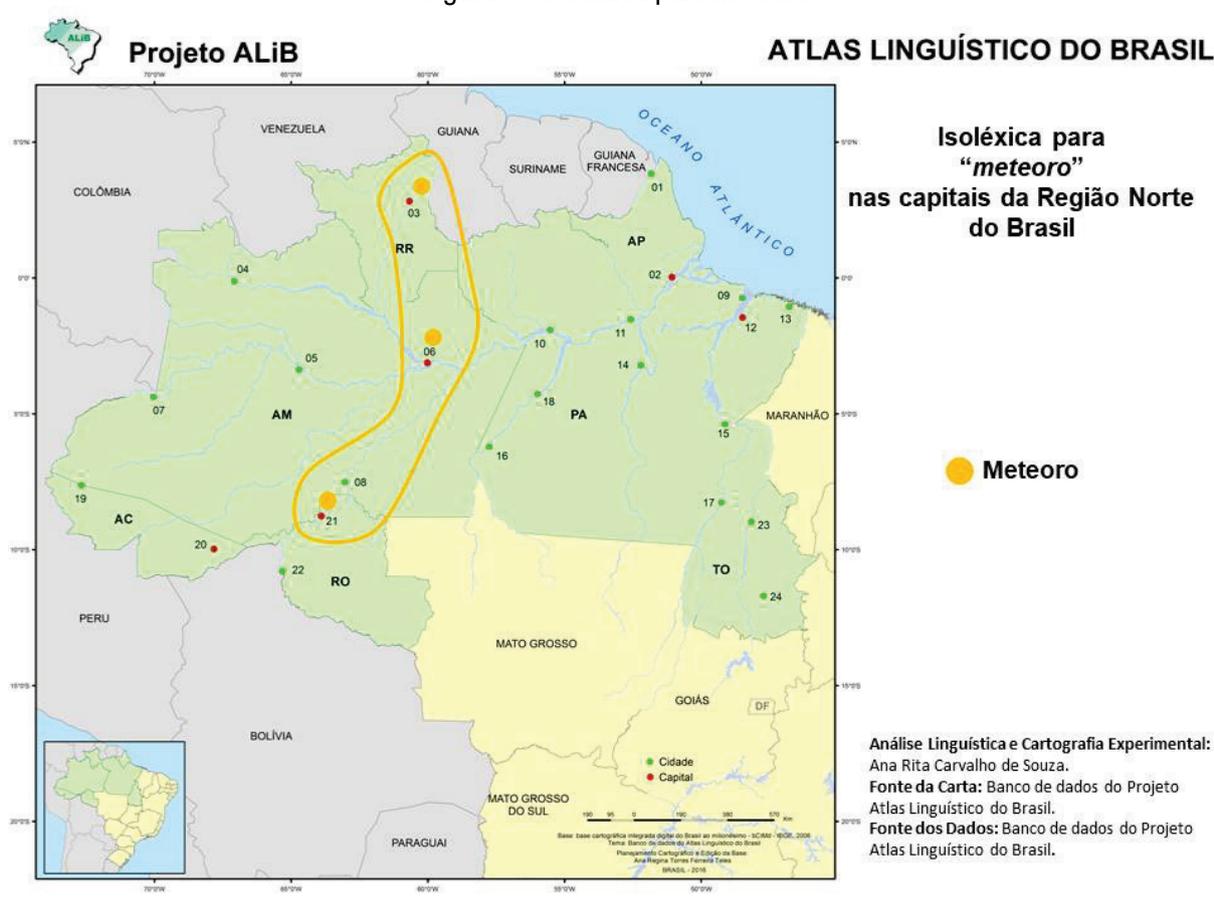
aprendeu essa informação a respeito dos meteoros? Se foi na escola, por que será que ela guardou essa informação e os outros informantes da mesma localidade não gravaram? Por que essa informante teve esse comportamento diferenciado? Estes são questionamentos que, provavelmente, uma análise de microssociolinguística talvez pudesse sanar.

Raio de luz também foi considerada como resposta válida porque, a partir do ponto de vista da Astronomia, que diz ser o *raio de luz* uma onda de radiação eletromagnética

(MOURÃO, 1987, p. 669), e para a pergunta feita e valorando o conhecimento de mundo do falante, ela é satisfatória.

O dado curioso que esta carta nos traz é que temos um indicativo de uma subárea dentro do Falar Amazônico, mas que só poderá ser confirmada quando as cidades do interior forem analisadas. Se observarmos a isoléxica traçada, percebemos que dados do interior podem confirmar a existência de uma subárea, confirmando a hipótese inicial.

Figura 3 – Isoléxica para *meteoro*



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus* demonstrou que, nas capitais da Região Norte, a denominação técnica *meteoro*, para o que conhecemos popularmente por *estrela cadente*, ocorre em alguns pontos

que indicam poder haver ali um subfalar, porém essa hipótese só poderá ser confirmada quando os dados das cidades do interior forem avaliados. Os dados apresentados neste trabalho também demonstram a contribuição dos estudos lexicais para a descrição e a



documentação da riqueza linguística presente nas regiões brasileiras, neste caso, a Região Norte.

Percebemos que há uma variedade de usos para o referente em questão, porém delimitar subfalares somente com dados de capitais não é suficiente, visto que o número de informantes foi reduzido e que somente analisando os dados das cidades do interior é que poderemos, de fato, ter uma posição mais concisa sobre a proposta da divisão dialetal de Nascentes (1953), bem como observar se nessa área há subáreas dialetais. Outros trabalhos, já publicados, mostraram que existem outras denominações, para a *estrela cadente*, em outras regiões brasileiras que não estão presentes no repertório linguístico do povo nortista.

É o que pontua Mota (1999), que encontrou respostas como *planeta* e *zelação* nos dados do Atlas Prévio dos Falares Baiano - APFB e em dados do Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB. Mota (1999) também destaca *mãe-de-ouro* no Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG e *estrela de rabo*, *satélite*, *diamante* e *estrela do oriente* no Atlas Linguístico do Paraná - ALPR, confirmando o comportamento diferenciado para denominar este fenômeno na Região Norte com relação a outras regiões e estados brasileiros apresentados. Na Região Centro-Oeste, Carvalho (2012) registrou, com os dados do Projeto ALiB, as designações *estrela cadente*, *cometa*, *satélite*, *planeta*, *mãe-de-ouro* e *estrelinha da sorte*, sendo que as consideradas mais produtivas, devido ao percentual de ocorrência, foram as três primeiras, mostrando uma aproximação com os resultados encontrados nas capitais da Região Norte. Futuramente, com a análise das cidades do interior, poderão ser feitas novas e melhores considerações.

REFERÊNCIAS

- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). **Estudos filológicos**: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras: 2003, v. 1.
- CARDOSO, Suzana A. M. da S. C. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARVALHO, Paola M. de O. **Relações entre léxico e ambiente**: um estudo da norma lexical do Centro-Oeste do Brasil. 2015. 224f. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, 2012.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Questionários 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CUBA, Marigilda A. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico**. 2015. 497 f. 2v. 7 cartas introdutórias e 96 cartas linguísticas. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UEL, Londrina, 2015.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 1. ed. 3. impressão. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ISQUERDO, Aparecida N.; CARVALHO, Paola M. de O. Léxico e ambiente rural: um estudo de designações para trabalhador de enxada em roça alheia no Centro-Oeste do Brasil. In: MOTA, Jacyra A.; CARDOSO, Suzana A. M.; PAIM, M. T. (Orgs.). **Documentos 3**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador, Vento Leste: 2012. p. 251-261.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline



Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOTA, Jacyra. Estrela cadente nos atlas regionais brasileiros. **Revista do GELNE**, Fortaleza, n. 1, v.2, p. 25-31, 1999.

MOURÃO, Ronaldo R. de F. **Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

PAIM, Marcela M. T. A emergência de identidade social de faixa etária e variação: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). In: MOTA, Jacyra A.; et al. (Orgs.). **Documentos 5: Avaliação e perspectivas**. Salvador, Quarteto Editora: 2015. p. 245-253.

PORTILHO, Danyelle A. S. **O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB**. 2013. 146f. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagens). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana S. C. **Brinquedos e brincadeira infantis na área do falar baiano**. 2012. 793f. Tese. (Doutorado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Vol. 1, 2 e 3. Salvador, 2012.

SANTOS, Grazielle F. da S. **Os jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste**. 2018. 207p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SILVA Jr., Joab S. da. **Estrelas cadentes**.

Brasil Escola. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/fisica/o-que-sao-estrelas-cadentes.htm>. Acesso em: 21 jun. 2019.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SOUZA, A. R. C.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. Denominações no falar nortista para a estrela cadente: dados do projeto ALiB.

Revista Primeira Escrita, Aquidauana, n. 6, p. 97-110, 2019.